

VIEIRA, Alba Pedreira; MAGALHÃES, Cláudio José. **Do quase arrependimento de se aprisionar em palavras o complexo processo de criação de uma performance: “penitencia(ria)”**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa/UFV. Departamento de Artes e Humanidades/UFV; Professora Associada III. Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFV; Professor Adjunto III. Apoio: FAPEMIG e CNPq.

RESUMO: A violência esmaga possibilidades de sonhos e esperanças perpetradas por ideais de desenvolvimento social, amparados pelo universo tecnológico e religioso. Com essa “rotunda”, por meio da prática como pesquisa, discutimos complexidades dos processos de criação da performance “Penitencia(ria)” que revela no seu título, ideias dicotômicas predominantes em certas culturas e ideologias. Polos opostos e contraditórios de duas palavras similares na aparência, distanciadas em significados. Em “Penitencia(ria)” associamos nas nossas ações estes significados, via possibilidades inerentes ao fazer ético-estético. Relacionamos fazer poético, nominoso, com o enfrentamento ao mundo caótico atravessado por diferentes formas e forças violentas e ameaçadoras que se revelam em variadas expressões, ocasionando superlotações de penitenciárias. Mas seriam as prisões psíquicas que revelariam o ser humano perdido no seu mundo interior e exterior? A violência (social, de consumo, psicológica, de gênero, etária, religiosa e de raça) é uma das forças que esgotam a capacidade de compreensão do processo civilizatório, bem como recursos naturais, revelando caminhos tortuosos que nosso sistema desenhou no cerne da vida e da existência humanas. “Penitencia(ria)” é sobre a violência que assume uma materialidade tangente na sociedade. A performance poderia significar nossa vontade de tratar da violência psicológica, imaterial e que é, talvez, mais bem apreensível pelo fazer ético-estético. Esse tipo de violência então, encontraria espaço na Arte para se revelar e se materializar iluminando caminhos, posturas, atitudes e palavras que insistem em transitar pelos breus.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Processos de criação. Violência. Arte.

ABSTRACT: Violence crushes possibilities of dreams and hopes perpetrated by ideals of social development, supported by the technological and religious universe. With this “roundabout” we discuss, through Practice as Research, complexities of the creative processes of the performance “Penitencia(ria)” which reveals in its title, dichotomous ideas prevalent in certain cultures and ideologies. Opposite and contradictory poles of the two words - similar in appearance, distanced in meaning. In “Penitence(ria)” we associate these meanings in our actions, via possibilities inherent in the ethical-aesthetic doing. We relate the poetic making, nominous, with the confrontation with the chaotic world traversed by different forms and violent and threatening forces that are revealed in various expressions, causing overcrowding of penitentiaries. But would it be the psychic prisons that would reveal the lost human being in his inner and outer world? Violence (social, consumer, psychological, gender, age, religious and race) is one of the forces that deplete the ability to understand the civilizing process as well as natural resources, revealing the tortuous paths that

our system has designed at the heart of life and human existence. “Penitencia(ria)” is about violence that assumes tangent materiality in society. Performance could mean our willingness to deal with psychological, immaterial violence that is perhaps best understood by ethical-aesthetic doing. This type of violence would then find space in Art to reveal and materialize itself by illuminating paths, postures, attitudes and words that insist on walking through the brutes.

KEYWORDS: Performance. Creative process. Violence. Art.

O pano de fundo da Performance

A violência esmaga possibilidades de sonhos e esperanças perpetradas por ideais de desenvolvimento social, amparados pelo universo tecnológico e religioso. Com essa ‘rotunda’, por meio da Prática como Pesquisa (NELSON, 2013), discutimos complexidades dos processos de criação da performance “Penitencia(ria)” que revela no seu título, ideias tidas como dicotômicas em certas culturas. Polos que são percebidos como opostos e contraditórios nessas duas palavras similares na aparência, distanciadas em significados.

“Penitência” é o sacramento, de determinadas religiões cristãs, de arrependimento dos pecados e a decisão de não voltar a repeti-los. “Penitenciária” é o local que isola da sociedade diferentes criminosos ou pessoas incapazes de conviver socialmente de acordo com padrões e normas da justiça humana. Os prisioneiros podem lançar mão do recurso da penitência, jurar arrepende-se e não recair nos seus crimes ou ações que levariam a uma condenação. Assim eles encontrariam absolvição ou atenuação de suas penas tanto no plano terreno como no plano místico.

A partir dessas duas palavras, os artistas Alba Vieira (Dança) e Cláudio Magalhães (Artes Visuais) criaram e apresentaram no Campus da Universidade Federal de Viçosa/UFV, na Sala Preta do Curso de Graduação em Dança da UFV e no Atelier/Estúdio de Pintura de Cláudio, em Maio de 2019, a Performance “Penitencia(ria)”.¹ Todo o processo performático foi

¹ A síntese da Performance está no vídeo postado no youtube: <<https://youtu.be/eGDhgHZA6kA>>. Demais trechos de vídeos e fotos foram postados em plataformas virtuais, a saber: (1) Instagram <

registrado em vídeos e fotos, e esse material foi em sua grande parte postado em plataformas virtuais, a saber: Instagram <@dancamoasico> e Youtube <https://www.youtube.com/channel/UCQc_AKtjyZgRKTJckbFG4YQ/videos> para apreciação por um maior número possível de pessoas que estivessem interessadas no trabalho artístico.

Associamos às nossas ações os significados das palavras “penitência” e “penitência” por meio de possibilidades inerentes ao fazer ético-estético. Relacionamos a palavra “penitência” com um ponto central da atividade artística como ação de caráter nominoso. Este conceito é empregado de forma ampla e generalista por Martel (2015), ou de forma mais específica, por exemplo, no que se refere à obra de Picasso, por Sebastian Smees (2017). Esses autores abordam a arte como uma atividade com associações místicas, mágicas e também como recursos de enfrentamento. Neste caso, podemos citar as forças hostis e ameaçadoras com as quais os homens se confrontam na sua sobrevivência; por exemplo, elementos da natureza tais como as doenças, ou para alguns indivíduos forças de ordem sobrenatural, ou forças desconhecidas que exigem do homem uma representação simbólica, para que possa ser visualizado e materializado por uma comunidade ou grupo social. O

https://www.instagram.com/p/BzyHvgaBoX2/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/ByLrqXMBT4g/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/ByKYIS1BhVQ/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/ByGxy3vB97G/?utm_source=ig_web_copy_link
> ; < https://www.instagram.com/p/ByD1T8BhXS4/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/ByAOuNIh4Dp/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/Bx-TLifBbqs/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/Bx7bH9YBep9/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/Bx5CXvsBj4E/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/BxvzOM-FNJo/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/BxsqrsThloq/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/Bxqmax8hNIF/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/BxqNtPBBrE/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/BxqL-zEh84B/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/BxpTtz1BPeR/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/Bxn8UZ9Bq5W/?utm_source=ig_web_copy_link > ; <
https://www.instagram.com/p/BxmqKgrh0Cs/?utm_source=ig_web_copy_link > <
https://www.instagram.com/p/BxIRLdBB_3D/?utm_source=ig_web_copy_link > ;
(2) youtube Parte 1 no estúdio/atelier de Cláudio < <https://youtu.be/HlxmAnbS2r8>>; parte 2 no Recanto das Cigarras/Campus da UFV < <https://youtu.be/1q8-VbP3rP8>> ; parte 3 na represa do Campus UFV e no local de experimentos da Agronomia/Campus UFV: < <https://youtu.be/tKDxNnnLsbo>> . O seguinte vídeo inclui trechos da performance no atelier de Cláudio, na Sala Preta do Curso de Dança da UFV, nas proximidades da Reitoria da UFV e no Recanto das Cigarras da UFV: < <https://youtu.be/77Zdvh9KEGc> >. O vídeo < <https://youtu.be/sQHktbSCHUI>> foi totalmente gravado no atelier de Cláudio.

inconsciente entra nesta esfera por agrupar forças e formas que essencialmente assumem o caráter de imagem, sobretudo através dos sonhos.

Neste sentido, agrupamos neste trabalho performático, “Penitencia(ria)”, os aspectos naturais, tanto do inconsciente como as forças da natureza, e por isso várias das ações tem como ‘cenário’ o espaço natural (figura 1).



Figura 1: Alba Performa no espaço natural, imagem Caio Fillype

Escolhemos este mundo, para nele atuar de forma a permitir que estas forças (sobre)naturais e fluxos inconscientes se manifestem livremente, gerando grupos de formas simbólicas. Relacionamos desta forma, o fazer poético, nominoso, com o enfrentamento a um mundo caótico e com a esfera socialmente atravessada por diferentes formas e forças violentas e ameaçadoras. Estas forças se revelam nas suas mais variadas expressões, entre elas superlotando as prisões ou seja, as penitenciárias.

A Performance

Como já discutimos nesse texto, a performance “Penitencia(ria)” explora diferentes tipos de violência que nos deparamos ao longo da história, e

também na contemporaneidade. A obra parte do cruzamento de linguagens artísticas, particularmente dança, artes visuais e performance. São variados motes, códigos e metáforas que se desdobram nas ações “Escalpelos” (figura 2), “Corpos que não se enquadram” e “Leveza da filoperformance”.



Figura 2: Cena de Escalpelos, artistas com facas na mão. Imagem: Caio Fillype

As seguintes ações estão diluídas, se repetem e são apresentadas de formas variadas, com diferente figurinos e em locais diversos ao longo da Performance:

(1) Ação Escalpelar:

- o processo de esfaquear e estafar, cortar e matar, minar artistas, é tratado no Mito do Marsias (da mitologia helenística, Grécia Antiga; vide Cerqueira, 2017) em que o fauno Marsias tem sua pele arrancada por Apolo. Apolo considerava sua arte musical como superior à de Marsias, e o convida

para um duelo. Marsias perde e é esfolado vivo por Apolo. Esse mito simboliza a superioridade de uma arte sobre outra.

No caso do mito, a arte superior é a de Apolo que tocava um instrumento valorizado na Grécia Antiga, a lira, e assim é considerada como “superior” ou hegemônica; a arte inferior é a de Marsias que tocava uma flauta ou aulo e se relaciona com a arte da Ásia Menor. Quem determina em nossa sociedade contemporânea qual a ‘melhor’ arte? Qual tipo de arte é valorizada? Esses questionamentos geraram a ação ‘Escalpelar’ em que os artistas Alba e Cláudio tentam esfaquear um ao outro ou esfaquear a arte um do outro ou ainda esfaquear seus próprios retratos ou retratos de outras pessoas impressos em preto e branco (figura 3).



Figura 3: Cláudio mede uma fotografia do próprio rosto com uma régua para depois cortá-la (tesoura ao lado). Imagem: Caio Fillype

A ação tem também como gatilho três acontecimentos ‘de corte’ cultural-político-econômicos no nosso país no governo que tomou posse em 2019: (a) a extinção do Ministério da Cultura que foi um dos primeiros a entrar na ‘fila da guilhotina’ e ser degolado (na performance, a faca também entra como um símbolo dessa situação), (b) a declaração de Roberto Alvim, que ao afirmar que, na época iria assumir um cargo na Secretaria Especial de Cultura, publicou um chamado para “artistas conservadores” com “valores

conservadores no campo da arte” criarem uma “guerra de máquina cultural”, ou seja, cortando ou matando possibilidades de “artistas não conservadores” se expressarem livremente e participarem do banco de dados que ele pretende criar para aproveitar artistas conservadores em projetos, (c) a liberação de um alto número de agrotóxicos cortando possibilidades de sustentabilidade do nosso meio ambiente;

O processo em franco andamento, estimulado pelo atual presidente do país, de ‘esfaquear’ os corpos tidos como socialmente excluídos (negros, indígenas, velhos) faz parte da ação “Escalpelos” também, quando os artistas Alba e Cláudio cortam em pedaços os retratos impressos em preto e branco dos que são marginalizados em nossa sociedade (figura 4).



Figura 4: Somos todos esquartejados. Imagem: Caio Fillype

Na política atual brasileira, idosos e trabalhadores no geral, incluindo nós artistas, sofremos com a aprovação da reforma da previdência; indígenas e quilombolas sofrem com a falta de demarcação de suas terras – na época da performance, havia total indefinição do papel da Funai no governo Bolsonaro (o presidente havia retirado desse órgão o poder de demarcar terras indígenas). Além disso, cresce o preconceito sobre determinados grupos no país, como o grupo LGBTI, mulheres e negros; um exemplo disso foi a condenação do presidente pela Justiça Federal do Rio de Janeiro por ele ter declarado que negros quilombolas "não servem para nada". Nas palavras de Bolsonaro,

negros "nem para procriadores servem mais". Isto foi dito por ele em atividade no Clube Hebraica no Rio de Janeiro em abril de 2019.²

(2) Ação “Corpos que não se enquadram”:

O processo de observar, julgar e aprisionar o corpo feminino em obras de arte (não somente na pintura em telas, mas também na dança, no teatro, na performance) é discutido na nossa performance a partir das reflexões do crítico John Berger (2003), e incluído na ação intitulada “Corpos que não se enquadram”.

O artista plástico Cláudio Magalhães tenta enquadrar o corpo de Alba Vieira, reproduzindo em seu corpo vivo a sua arte (ele é artista plástico e todas as pinturas mostradas no vídeo são autorais), mas ela lentamente começa a demonstrar sua resistência ao se recusar em ser mantida imóvel, em silêncio e ‘enquadrada’ dentro da moldura (figura 5).



Figura 5: Cláudio enquadra e aprisiona o corpo e Alba. Imagem: Caio Fillype

Berger (2003) também discute a violência das mulheres retratadas/pintadas por homens em relação à nudez feminina na arte. Para ele, existe uma diferença entre estar pelado (ser você) e estar nu (ser visto sem

² (https://esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla_articulo&id_article=18579)

roupa por outra pessoa). Seria o estar nu se sujeitar a ser um objeto de contemplação do espectador? Berger nos leva a refletir: Será que determinadas obras celebram a mulher pintada ou celebram o olhar do espectador, principalmente homens, que estão vendo essas pinturas? No caso de mulheres pintadas nuas ou semi-nuas, John Berger faz uma diferença entre se estar pelado (ser você mesmo/mesma) e estar nu (estar sem roupa para apreciação de um espectador).

Nessa ação da performance, Alba se recusa a ser somente um objeto de Cláudio, ela se movimenta, dança, indica a ele qual parte e frente do corpo ele irá pintar, em qual nível irá posicionar seu corpo e, finalmente, ela toma o seu pincel e começa a pintar seu corpo assim como ele a pintou.

(3) Ação “Leveza da filoperformance”:

O processo contínuo de transformação, tendo a arte um papel crucial na mediação da liberdade do ser humano em relação à razão, à ciência e ao avanço tecnológico, como discutido por Nietzsche, é metaforizado por Alba e Cláudio nas ações com os tecidos (figura 6).



Figura 6 Artistas e os tecidos. Imagem Caio Fillype

Nas primeiras ações, eles ainda se encontram preso às facas enquanto tentam explorar a leveza e a liberdade de movimento dos tecidos de diferentes cores, até que, finalmente, os performers se jogam aos impulsos da vida, às vontades de potência no ato de dançar com pés leves para se livrarem do que os oprime, inibe, detém, torna pesados. A transformação pela arte se traduz nas ações intituladas “Leveza da filoperformance” em que os artistas “filosofam” dançando, tornando-se senhores de si, e deixando para traz tudo que é pesado e lento. A leveza do pano esvoaçante e contato com a natureza reforçam o compromisso com a vida. Ao final da performance, depois de tanta “luta” e resistência, Alba descansa envolta nos tecidos, envolta pela liberdade.

O devir da Performance

A violência (social e de consumo, psicológica, de gênero e idade, religiosa e de raça) é hoje no Brasil e no mundo uma destas forças que esgotam a capacidade de compreensão do que é processo civilizatório bem como os recursos naturais, revelando os caminhos tortuosos que este sistema desenhou no cerne da vida e existência humana. Estes caminhos tortuosos expressos em diversas épocas por vários artistas, encontra nas “Cárceres” do italiano Piranesi – uma ilustração deste drama insólito. Suas prisões são sobretudo psíquicas, mas revelam como o ser humano, perdido no seu mundo interior, se encontra igualmente perdido no mundo exterior.

Assim, tratar da violência que assume uma materialidade tangente na nossa sociedade, poderia significar tratar da violência psicológica, imaterial e somente apreensível pelo fazer estético (aonde ela encontra espaço para se revelar e se materializar). Desta forma, em “Penitencia(ria)” abordamos os aspectos violentos da nossa era citados. A faca por exemplo, simboliza a agressão que corta, mutila, esgarça o indivíduo e o tecido social. A faca pode ser entendida tanto como artefato tecnológico e como artefato artístico. É ao mesmo tempo símbolo de violência e de libertação. No caso da arte, violência e libertação podem conviver juntas, neste espaço ficcional gerando novas possibilidades de manifestação estética.

No território social, a violência esmaga as possibilidades oferecidas pelos sonhos e esperanças perpetradas pelos ideais de desenvolvimento social, amparados pelo universo tecnológico e religioso. Assim, este trabalho parte das tiras. Inicialmente as tiras de papel ou papéis desfeitos em tiras com imagens de pessoas comuns afetadas por diferentes formas de violência (raça, gênero, idade, classe social etc). As pinturas em suas diferentes configurações, se baseiam em tiras que constroem espaços de natureza arquitetônica, símbolos de um universo que se desfaz, de um psiquismo que não encontra suporte no mundo das convenções e de um racionalismo construído de modo a aumentar a incapacidade humana para lidar com o diferente, com o estranho e com o desconhecido. A pintura ganha o espaço natural e as tiras de panos nas suas cores vermelho, verde, branco e lilás reúnem todos estes elementos numa ação performática. Esta ação recupera todos estes conceitos. Penitência: gesto nominoso de caráter místico voltado (neste caso) para a

superação de forças hostis, e penitenciária, espaço de reclusão tanto físico como psíquico e inconsciente, pleno também de forças desconhecidas e violentas, mundo natural e social, intimamente conectados pelo fazer estético.

Referências

BERGER, J. Ways of seeing. *In*: JONES, Amelia (ed.). **Feminism and visual culture reader**. Londres: Routledge, 2003.

CERQUEIRA, F. V. Music and the fantastic in Ancient Greece: the imaginary, between myth and philosophy. **Per Musi**, no. 36 (August), 2017.

NELSON, R. (ed.). **Practice as research in the arts. Principles, protocols, pedagogies, resitances**. Nova York, Estados Unidos: Palgrave Macmillan, 2013.

SMEE, S. **A arte da rivalidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.